

# **Agroecologia: cuidando da saúde do planeta – palestra de Leonardo Boff**

## **Junior Miranda Scheuer**

Doutorando em Ciências Agrárias (Udelar/URY-UY); Mestre em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola (Unemat/MT-BR); Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (Uninter/PR-BR); Especialista em Educação Profissional (Senac/RS-BR); Tecnólogo em Produção Sucroalcooleira (Uri/RS-BR)  
e-mail: juniorscheuer@yahoo.com.br

Genezio Darci Boff, mais conhecido como Leonardo Boff<sup>1</sup>, nasceu no município de Concórdia, estado de Santa Catarina, no dia 14 de dezembro de 1938. Formado em Filosofia e Teologia, é doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade de Munique, Alemanha. Atualmente é professor de Teologia e Espiritualidade no Brasil e no exterior, além de professor-visitante nas universidades de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), Harvard (EUA), Basel (Suíça) e Heidelberg (Alemanha). Boff escreveu mais de 60 livros sobre os temas relacionados a Teologia, Ecologia, Espiritualidade, Filosofia, Antropologia e Mística e participou na elaboração da Carta da Terra.

Boff foi convidado para fazer a abertura do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado entre os dias 25 a 28 de novembro de 2013 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

## **Transcrição da palestra**

Começo com duas frases, uma de Einstein<sup>2</sup>: a crise, ou melhor, o pensamento que criou a crise, não pode ser o mesmo que nos vai tirar da crise, tem que ser outro. Significa que devemos inventar uma nova forma de habitar o planeta, uma nova forma de produzir, de consumir e de nos relacionar entre nós e todos juntos com a terra; o segundo pensamento vem da Carta da Terra<sup>3</sup>, na sua primeira frase: que desistamos no momento crítico da história da terra e da humanidade, no momento que devemos fazer uma escolha e a escolha é essa – ou fazemos um pacto entre nós todos para cuidar da terra e um dos outros, ou então, arriscamos a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida.

---

<sup>1</sup> Mais informações podem ser consultadas em Boff (2016).

<sup>2</sup> Albert Einstein (1879-1955), físico e matemático nascido na Alemanha, ficou reconhecido mundialmente pela Teoria da Relatividade.

<sup>3</sup> Documento que surgiu dos anseios de instituições, organizações não governamentais, universidades, governos, comunidades, etc., durante a Rio-92 no qual discutiu-se os princípios éticos entorno de uma sociedade justa, sustentável e pacífica em nível global (EARTH CHARTER, 2016).

São frases de grande gravidade, mas que não são tomadas a sério pelos donos do poder do mundo, basta ver o fiasco que ocorreu em Varsóvia<sup>4</sup>, sexta e sábado, quando as setecentas ONG's lá presentes em protesto se retiraram porque achavam inútil e vergonhoso acompanhar o desfecho da má vontade dos representantes de 192 povos que nada fizeram para diminuir o aquecimento global ou adaptar-se a ele.

A Christiana Figueres<sup>5</sup>, que é a secretária geral que acompanha em nome da ONU<sup>6</sup> a questão do aquecimento, em plena entrevista desatou num choro incontido, pois denunciava que as nações do mundo até agora nada fizeram para criar um fundo para diminuir o aquecimento e repassar tecnologias àqueles países mais pobres que precisam, e eles querem repassar desde que paguem por essas tecnologias.

Estamos em uma situação realmente crítica, vocês sabem as causas disso e eu não quero repeti-las, mas vocês todos aqui representam uma alternativa, uma saída dessa tragédia anunciada, transformar essa tragédia anunciada, que pode nos levar ao caminho já percorrido pelos dinossauros, transformar essa tragédia em uma crise, uma crise que acrisola, que purifica, que permite um salto de qualidade na direção de outra maneira de sustentarmos a vida, porquê o modelo vigente que provocou a crise global, que crucificou a terra, porque ela está crucificada, e nós temos que baixá-la da cruz, temos que revitalizá-la, que ressuscitá-la.

Esse sistema, já a trezentos, quatrocentos anos, se propôs, fundamentalmente, nesse objetivo: quanto posso ganhar com o tempo mínimo e menor, com o investimento menor, no mais curto lapso de tempo, com novas tecnologias, e potência de competência, de concorrência, quanto posso ganhar, desconsiderando o sacrifício que é feito aos bens e serviços da natureza e a totalidade do sistema terra.

Hoje se confrontam duas visões, duas metafísicas, duas visões da terra. Dessas, os pais fundadores do século XVI<sup>7</sup> e que estão vivos até hoje nos processos produtivos e o que é pior, nos processos onde se reproduz os cientistas e técnicos que levam esse tipo de sociedade avante, imaginam a terra como um imenso baú cheio de recursos que podemos tirar continuamente, a terra como uma coisa morta e sem propósito entregue ao exercício da nossa liberdade e a nossa voracidade.

Esse projeto, que já tem trezentos anos, trouxe muitas comodidades para nós, nos levou até a lua e nos trouxe de volta, inventou antibióticos que nos salvaram. Eu, com 75 anos, sou oficialmente velho, devia estar morto há 10 anos, mas estamos aqui graças a essa ciência, só que essa ciência simultaneamente criou uma máquina de morte que pode

<sup>4</sup> 19ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas realizada em Varsóvia, na Polônia.

<sup>5</sup> Secretária-executiva do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC).

<sup>6</sup> Organização das Nações Unidas (ONU) estabelecida no ano de 1945 com o intuito de promover a cooperação internacional.

<sup>7</sup> Referente a política econômica estabelecida na época.

destruir por 25 formas diferentes toda a vida do planeta com armas químicas, biológicas e nucleares, construídas e estocadas e que podem ser deslanchadas dentro de um minuto e meio e, ademais, criou intervenções tão agressivas do sistema vida, do sistema terra, que colocou a terra em um profundo estresse... Ela precisa de um ano e meio para repor aquilo que nós tiramos dela durante um ano.

Então, um planeta pequeno, já velho, com bens e serviços limitados, não suporta um projeto ilimitado, e a forma de mostrar que ela não suporta é entrar em um processo de doença, a doença se manifesta como entre nós, pela febre, a febre que é o aquecimento global.

Talvez o maior filósofo vivo da ecologia, Michel Serres<sup>8</sup>, escreveu seu último livro com o título “A Guerra Mundial”<sup>9</sup>, pensei que era uma descrição da guerra total, conceito inventado por Hitler<sup>10</sup> – matar tudo, envenenar tudo, destruir tudo – e ele diz não, a guerra total é aquilo que é humanidade, como um todo, decidiu atacar Gaia<sup>11</sup> nos solos, nos subsolos, no ar, no mar, em todas as frentes, só que há uma diferença, ela não precisa de nós, nós precisamos dela, e não temos nenhuma chance de ganhar essa guerra, ela pode continuar coberta de cadáveres e sem nós, e até melhor sem nós. Não aceitamos isso, mas é um fantasma que pesa sobre a nossa realidade globalizada, ela não é uma fantasia, é efetivamente uma máquina de morte que construímos.

O modelo de civilização, de acumulação de bens materiais à custa da devastação dos bens e serviços da natureza – não gosto dessa palavra recursos, o capitalismo usa isso, melhor seria aquilo que os indígenas falam, as *bondades da natureza*, nós falamos os bens e serviços da natureza – esse é um modelo; o outro modelo que vocês e nós queremos nos apropriar e aprofundar, e coerentemente fazer que ele seja hegemônico e que inspire nossas ações, é o que compreenda a terra como um ente, um suborganismo vivo, que articula o físico, o químico, o ecológico, o biológico de tal maneira que ela sempre produz e reproduz vida... Os antigos chamavam de Magna Mata<sup>12</sup>, os indígenas de Pachamama<sup>13</sup>, e os modernos chamam de Gaia.

Esse é o legado que os astronautas nos transmitiram quando em 1982 o The New York Times<sup>14</sup> pediu a Isaac Asimov<sup>15</sup> – grande cientista russo que divulgava ciência, astronomia, astrofísica, física quântica em livrinhos populares, muitos traduzidos em

---

<sup>8</sup> Matemático e filósofo nascido em Agen, França, em 1930.

<sup>9</sup> Livro de Michel Serres, lançado no Brasil em 2011, em que o autor amplia a compreensão do adjetivo “mundial” como de uma guerra contra o mundo (SERRES, 2011).

<sup>10</sup> Adolf Hitler (1889-1945) foi um ditador alemão entre os anos de 1934 a 1945.

<sup>11</sup> Na mitologia grega, Gaia significa Mãe-Terra.

<sup>12</sup> Do latim, traduzido como “grande mata”.

<sup>13</sup> Termo indígena que refere-se a Mãe-Terra.

<sup>14</sup> Jornal americano com sede em Nova Iorque, Estado Unidos

<sup>15</sup> Cientista bioquímico e escritor, nasceu na Rússia(1920-1992), mas naturalizou-se americano.

português – que fizesse um artigo sobre o legado do Sputnik<sup>16</sup>, que em 1957 fez a primeira volta ao redor do planeta terra. Ele escreveu um artigo na primeira página do New York Times – que é uma referência para nós –, o Sputnik nos deu o seguinte legado: primeiro, que vendo a terra de fora da terra nos damos conta que terra e humanidade formam uma única entidade, não é que a humanidade está aqui e a terra está ali, terra e humanidade é uma coisa só; segundo, que essa visão desperta em nós a consciência planetária, uma consciência coletiva da única casa comum; e terceiro legado, que vendo a terra de fora da terra, pequeninha, dependurada no fundo negro do universo como uma bola de natal, brilhante, belíssima, mas extremamente frágil e nós necessitamos defendê-la porque ela mostra vulnerabilidade.

Entender a terra como algo vivo, e nós seres humanos, não como seres erráticos que vieram de fora e foram colocados sobre a terra, somos aquele momento do processo de evolução da terra em que ela começou a sentir, começou a pensar, começou a amar, começou a cuidar, e aí emergiu o ser humano, por isso que homem vem de humus<sup>17</sup>, terra boa, terra fértil, por isso que Adão<sup>18</sup> vem de Adamá<sup>19</sup> em hebraico, que significa o filho e a filha da terra arável, da terra cultivável... Somos terra, e nós nos esquecemos, nós nos afastamos, fomos ao exílio, temos que voltar para a terra, sentirmo-nos terra, amar essa terra como nós nos amamos a nós mesmo, porque não é só a única casa comum que temos, e não temos outra porquê ela nos gerou, e nós somos uma expressão da sua complexidade, da sua inteligência, e agredindo a terra estamos agredindo a nós, e salvando a terra estamos salvando a nós mesmo. Se a terra está doente hoje, é porque nós estamos doentes.

Vivemos um tipo de vida e de relações, seja para com a terra, seja entre nós, que são hostis à vida, não são amigas da vida, mas se nós curarmos as feridas da terra, devolvermos a ela a vitalidade, nós participaremos dessa saúde, dessa vitalidade.

O trabalho que vocês fazem com a Agroecologia<sup>20</sup>, que é trabalhar com os ritmos da natureza, que é respeitar o alcance e o limite de cada ecossistema, que é sentir-se não sobre a terra como quem a domina com o punho fechado, mas aos pés dela, em sinergia, com a mão que se estende e se entrelaça para fazer essa aliança global de cuidar da terra, de cuidar uns dos outros... Se fizermos isso, teremos feito a ruptura necessária do velho paradigma da dominação, da devastação, para uma novo paradigma, da convivência, do cuidado, paradigma da sustentação de toda a vida, não só a vida humana, porque não queremos ser antropocêntricos, mas de toda a comunidade de vida.

---

<sup>16</sup> Satélites artificiais da União Soviética.

<sup>17</sup> Termo oriundo do latim.

<sup>18</sup> Segundo a Bíblia, Adão foi o primeiro homem criado por Deus.

<sup>19</sup> Termo com origem no hebraico.

<sup>20</sup> Agricultura em uma perspectiva ecológica.

Em 1953, dois grandes cientistas<sup>21</sup>, um norte-americano e um britânico, descobriram, leram o código genético, e se deram conta que todos os seres vivos, Crick<sup>22</sup> e Dawson<sup>23</sup>, desde a ameba mais originária que surgiu a 3,8 bilhões de anos, passando pelas grandes florestas, pelos dinossauros, pelos cavalos, pelos colibris, chegando a nós, todos nós, temos o mesmo código genético, os mesmos 20 aminoácidos e as mesmas quatro bases fosfatadas que permitem a colagem desses 20 aminoácidos e, a combinação diferente deles faz a diversidade da vida, mas é importante saber que todos somos irmãos e irmãs, somos construídos pelos mesmos tijolinhos que constroem a vida, na nossa galáxia e possivelmente em todo o universo.

Não basta falar em seres humanos, temos que falar como fala a Carta da Terra, da comunidade de vida e o profundo laço de parentesco que une a todos nós seres viventes, aquilo que São Francisco<sup>24</sup>, há duzentos anos, intuía em uma experiência mística chamando de irmãos e irmãs a todos os seres da natureza, afastando a minhoca do caminho para não ser pisada, enfaixando o galho quebrado para que ele pudesse se refazer... Vivendo essa profunda fraternidade com todos os seres... É isso que ele intuía de uma forma mística.

Hoje sabemos, por um dado empírico da ciência, que somos de fato irmãos e irmãs responsáveis uns pelos outros e interdependentes de tal maneira que, essa interdependência faz que a cooperação seja a lei mais suprema do universo e, como nunca se cansam de dizer os astrofísicos e todos os cosmólogos, não é a sobrevivência do mais apto e do mais forte, segundo Darwin<sup>25</sup>.

Darwin pegou a evolução num patamar muito alto, a origem das espécies, da seleção natural, mas não viu que as espécies não existem sem sua base física, sem sua base química, sem todo aquele processo da evolução anterior, de complexidade, de troca de informações que permitiu a erupção da vida. Isso pertence ao sistema vida e todos estamos ligados a tudo e por isso que há essa interdependência que garante a subsistência de todos e permite a sustentabilidade, até do mais fraco, porque ele também tem seu lugar no conjunto dos seres, ele também é portador de uma mensagem do universo que nós podemos decifrar, que podemos ouvir, e ele merece viver junto conosco, porque tudo que vive, e tudo que existe merece viver, merece existir, formando essa grande comunidade.

A visão que entende o ser humano junto com o planeta terra formando um todo orgânico, sistêmico, funda as bases, diria filosóficas, em um conjunto de intuições e

---

<sup>21</sup> Os cientistas citados foram James Dewey Watson, biólogo, geneticista e zoologista, nasceu no ano de 1928 em Chicago, Estados Unidos e, Francis Harry Compton Crick, biólogo, biofísico e neurocientista, nasceu em 1916 na cidade de Northampton, Reino Unido.

<sup>22</sup> Francis Harry Compton Crick.

<sup>23</sup> James Dewey Watson.

<sup>24</sup> Em referência ao santo italiano São Francisco de Assis.

<sup>25</sup> Charles Robert Darwin (1809-1882), naturalista britânico reconhecido por formular a teoria da evolução.

convicções que estão na base dessa agricultura ligada a biologia, ligada aos processos naturais, e ela supõe uma nova visão das coisas.

Como dizia a carta do Rio de Janeiro<sup>26</sup>, um dos cientistas daqueles 1.600 portadores de prêmios Nobel estavam ali presentes na Rio, primeiro grande encontro na Rio 1992, dizendo que estimamos que o futuro do nosso planeta e dos povos que nele vivem depende de elaborarmos um novo modelo civilizatório, porque o atual modelo vigente está mostrando que entre natureza e desenvolvimento está se produzindo um choque, e esse choque poderá ser desastroso para todos nós e para a vida.

Somos obrigados a mudar. Há cientistas que dizem, com razão, ou mudamos de rumo ou morremos, porquê criamos as condições, fomos demasiadamente longe nessa guerra total contra a Gaia, quase não temos tempo suficiente para fazer as correções necessárias, mas como somos portadores de inteligência, de criatividade, e temos um horizonte de esperança e de futuro e, ainda, cremos nas próprias virtualidades do processo de evolução, que não é linear, mas vai acumulando energias até o ponto de dar um salto para frente e, assim, inaugurar uma nova forma, novas ordens, novas maneiras de relações, porque cremos nisso, acreditamos que nós podemos evitar a tragédia, que podemos começar de novo, de baixo.

Como diz a Carta da Terra, no final dela, eu gosto de repetir essa frase porque ela é paradigmática, ela diz o seguinte, até foi eu que coloquei esse pequeno inciso pensando em Lula<sup>27</sup> – “como nunca antes na história” –, o documento diz: como nunca antes na história o destino comum nos conclama a um novo começo, esse novo começo requer uma nova mente e um novo coração, requer a interdependência de todos com todos, requer ainda, os sentidos de responsabilidade universal, caso contrário não garantiremos um modo sustentável de vida local, regional e global.

Portanto, precisamos de um novo começo, não se trata de uma reforma, não se trata de cobrir o corpo machucado da terra de esparadrapos, nós temos que sanar esse corpo ferido, e doente... Um novo começo. Para isso, precisamos de um outro olhar, olhar a terra não como um objeto qualquer de puro meio de produção, exploração, acumulação, mas ver a terra como nossa mãe, coisa que a ONU, no dia 22 de abril de 2009<sup>28</sup>, definiu solenemente e, finalmente, depois de anos e anos de discussão, sempre protelado, pois diziam que isso é coisa de indígenas, discurso da mitologia, não o discurso da ciência, mas com os eventos extremos e se deram conta que a terra se mexe, que a terra é vida, que a terra pode irritar-se, que a terra pode criar tufões de grande devastação, e que eventualmente ela pode não nos querer mais sobre sua face, pois somos demasiadamente

---

<sup>26</sup> Carta da Terra.

<sup>27</sup> Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República Federativa Brasileira entre os anos de 2003 a 2011.

<sup>28</sup> Em referência ao Dia Internacional da Mãe Terra.

agressivos e, como eliminamos uma célula cancerígena, nós também podemos ser eliminados. Isso não é impossível.

O grande biólogo, maior do mundo vivo, Edward Wilson<sup>29</sup>, criou a palavra biodiversidade<sup>30</sup>. A última estatística que o grupo dele levantou do nível de extermínio das espécies diz que a cada ano estão desaparecendo definitivamente entre 70 mil a 100 mil espécies de seres vivos. Sabemos que cada ser vivo é uma espécie de livro aberto e que pode ser lido, decifrado, encontrar, quem sabe, a solução para o Alzheimer<sup>31</sup>, para o Parkinson<sup>32</sup>, para outras doenças... Sequer abrimos, sequer lemos, e já eliminamos esse livro na proporção de 70 a 100 mil por ano, o que é uma verdadeira devastação. Até quando a terra aguentará isso?

Por isso, precisamos ter uma nova mente, um novo olhar da terra, terra como mãe, terra como vida, devemos respeitá-la pois somos filhos e filhas da terra, guardiães dessa herança sagrada como cuidadores, aqueles que foram colocados no parque do Jardim do Éden<sup>33</sup> para proteger, para guardar, para dar sustentabilidade a tudo que lá existe. Isso nós podemos e devemos fazer.

A agroecologia é exatamente esse novo começo, pois produz ouvindo a natureza, respeitando seus recursos... Aquilo que a comunidade europeia<sup>34</sup> agora está se dando conta, que ao uniformizar as políticas agrícolas<sup>35</sup> para toda a comunidade europeia, com a produção intensiva e altamente tecnologizada, prejudicou todos os países pobres do mundo... Pensaram em tudo, menos na terra, pensaram na tecnologia, pensaram nos preços, nos ganhos, não pensaram na terra, agora se dão conta que essa terra está sendo erodida, está perdendo nutrientes, está sendo super explorada e não sabem encontrar uma saída para essa crise... Não era agroecológica, utilizava-se da terra em função do benefício material, a agroecologia procura sintonizar com os ritmos da natureza.

A última conversa que tive com Fritjof Capra<sup>36</sup>, no qual ainda trabalhamos juntos acompanhando um grande projeto, “Cultivando Água Boa”<sup>37</sup>, de Itaipu<sup>38</sup>, lá há um

<sup>29</sup> Edward Osborne Wilson (1929), entomologista nascido na cidade americana de Birmingham.

<sup>30</sup> Diversidade de espécies (WILSON, 1997).

<sup>31</sup> Alzheimer é uma doença degenerativa e progressiva que compromete a integridade física, mental e social do paciente (LUZARDO; GORINI; SILVA, 2006).

<sup>32</sup> Parkinson é doença crônica e degenerativa do sistema nervoso central (LANA et al., 2007).

Na Bíblia, no Livro do Gênesis, o Jardim do Éden era o local onde Deus criou Adão e Eva, devendo cultivá-lo e guardar (GÊNESIS, 1980).

<sup>33</sup> Na Bíblia, no Livro do Gênesis, o Jardim do Éden era o local onde Deus criou Adão e Eva, devendo cultivá-lo e guardar (GÊNESIS, 1980).

<sup>34</sup> A União Europeia (UE), no texto abordado como comunidade, é uma parceria econômica e política entre 28 países da Europa.

<sup>35</sup> A Política Agrícola Comum (PAC) são políticas agrícolas da União Europeia destinadas ao desenvolvimento da agricultura.

<sup>36</sup> Fritjof Capra nasceu em Viena, Áustria, no ano de 1939. Capra é um físico e escritor atuando na temática da educação ecológica.

<sup>37</sup> Iniciativa socioambiental da Itaipu Binacional.

<sup>38</sup> Nome dado a Usina Hidrelétrica de Itaipu, localizada no rio Paraná, abrangendo os territórios brasileiro e paraguaio.

experimento fantástico, não é um experimento, já é uma construção de 10 anos em 29 municípios. Naquela grande região do lago de Itaipu há uma ecologia que integra todos os elementos do ser humano até a produção agrícola, utilizando os dejetos dos suínos, produzindo gás e energia, formando consciências de toda aquela população com mais de 1.600 educadores populares.

Como dizia Capra, se os seres humanos respeitassem as leis da natureza, entendessem a complexidade dos seres todos e a interdependência e a cooperação de todos com todos, não precisaríamos falar de ecologia<sup>39</sup>, a terra poderia produzir e alimentar 11 bilhões de pessoas... Se não reparamos a natureza, não escutarmos a mensagem que ela nos passa, nós continuamente a atropelamos e a submetemos a nossa vontade e a nossa racionalidade, entretanto ela está mostrando a sua rebelião e a sua irritação e agora a sua doença. Capra fundou uma rede mundial de escolas de alfabetização ecológica, não para alfabetizar crianças, mas para alfabetizar os mais analfabetos que são os grandes empresários, os principais responsáveis pela crise ecológica. A humanidade toda participa porque todos estamos produzindo CO<sub>2</sub>, mas eles são os campeões, são os que mais desrespeitam e passam por cima de todos os chamados que é a natureza nos lança.

A primeira coisa a partir dessa visão mais ampla que devemos fazer, e vocês já fazem, é viver fundamentalmente a *ética do cuidado*, mantendo a saúde... Se for permanentemente cuidado não adocece, entretanto hoje quase tudo está descuidado.

A função do cuidado é sanar as feridas, passadas de séculos, que fizemos no planeta terra e antecipar-se e impedir as feridas futuras... Tudo aquilo que nós amamos, nós cuidamos, e tudo aquilo que nós cuidamos, nós amamos. Se tratarmos com cuidado a terra ela responde com grande generosidade.

Anteontem em Itaipu, em uma reunião de mais de 4.300 pessoas do projeto Cultivando Água Boa, sentou-se ao meu lado um camponês e me disse: eu tenho dois hectares, com aquilo que você e outros que passaram por aqui me ensinaram, eu tiro 40 produtos, produzo energia e 900 salários mínimos por ano. Com dois hectares. Eu sinto a terra, que é mãe, eu observo tudo que ela precisa, sigo seus ritmos, e ela me devolve com grande generosidade. Dois hectares de terra. Ai está o cuidado!

O segundo elemento que acho de extrema importância é a *responsabilidade coletiva*, ser responsável significa dar se conta das consequências de nossos atos... Posso saber que tomando algum alimento e um certo tipo de água eu fico doente... Precisamos nos dar conta e fazer como o imperativo categórico, quase campiano, como é a minha ação? Se ela é benévola? Se ela ajuda a vida? Se ela propicia a preservação das espécies?

---

<sup>39</sup> Ciência que estuda a relação entre o meio ambiente e os seres vivos que nele habitam.



Ou se ela é agressiva, destrutiva do sistema e da cadeia da vida? Temos que ter a responsabilidade, hoje, coletiva, porque as consequências podem ser desastrosas.

Os Estados Unidos podem fazer uma guerra de vergonha contra o Iraque e contra o Afeganistão, mas não poderão fazer nem contra a China e nem contra o Paquistão e nem contra a Rússia porque possuem arma de destruição em massa que pode liquidar com toda a humanidade com consequências terríveis.

Não podemos manipular de qualquer maneira o código genético e a nanotecnologia<sup>40</sup> – que usa as partículas sub atômicas – porque não sabemos as consequências, dramáticas, que poderão advir ao sistema vida, nem sabemos as consequências totais dos transgênicos<sup>41</sup> no qual os elementos vão se depositando dentro de nós... No processo da nossa evolução, de muitos anos, milhões de anos, o nosso organismo não criou as formas de assimilar e de incorporar esses elementos. Inventamos 100 mil elementos sintéticos, artificiais, usados em todos os processos produtivos que entram em nossa composição, e o nosso organismo não sabe como digeri-los e distribuí-los dentro do nosso corpo.

Necessitamos ter responsabilidade coletiva para não comprometer o futuro nosso e o futuro da vida.

Terceiro elemento que me parece fundamental para a saúde da terra é o *princípio da cooperação*. Todo sistema de produção, o sistema de nossa cultura, não se rege pela cooperação, mas pela competição de todos com todos, onde um ganha e todos perdem, por isso a guerra permanente de classes, guerra de mercados, guerra entre países, essa é a lógica do sistema. As pessoas podem ser boas, mas estão dentro de uma engrenagem sistêmica que as torna mobilizadoras de uma concorrência desastrosa que destrói as pequenas empresas, que traz a grande acumulação de algumas e comete duas grandes injustiças: uma injustiça social, os bilhões de pobres de um lado e os poucos ricos de outro; e uma injustiça ecológica que é a depredação, a devastação dessa herança sagrada que é a natureza com seus ecossistemas.

A cooperação entre todos é aquilo que a natureza faz – todos colaboram com todos para que todos possam coevoluir, coexistir, criando sempre esse equilíbrio dinâmico que vem da troca de informações, troca de energias. Quando nossos ancestrais antropóides iam a caça, iam buscar alimentos, eles não comiam cada um para si, eles traziam tudo para um grupo e distribuíam solidária e cooperativamente entre eles, começado pelos mais novos até os mais idosos. Desta forma foi a cooperação, a solidariedade, que nos permitiu o salto da animalidade para a humanidade, aquilo que foi verdadeiro ontem deve ser verdadeiro hoje.

---

<sup>40</sup> Ciência com capacidade de criar coisas a partir da manipulação da matéria em escala atômica/molecular.

<sup>41</sup> A transgenia altera o código genético de uma espécie visando a qualidade do produto e, também, maximizando a produção e criando resistência às pragas, doenças, etc.

Aquilo que mais faz falta no mundo é a cooperação, por isso o Papa Francisco<sup>42</sup>, chegando em Lampedusa, naquela ilha do sul da Itália, onde todos os dias centenas de migrados da África vêm e se afogam na travessia, fez a denúncia que a nossa globalização é cruel e sem piedade, perdeu a capacidade de sentir, não sabe mais chorar porque não sente o outro, não coopera com o outro.

A natureza faz essa cooperação, e nós estamos aqui porque todos os elementos se conjugaram de tal maneira que permitiu estarmos aqui, todos juntos, pois essa lei da natureza nós fazemos com a nossa agroecologia, consorciando todas as coisas permitimos que as coisas todas convivam e tenham, então, produtos que sejam saudáveis, porque são saudáveis para uma terra que é feita saudável.

Um outro elemento que considero de suma importância é, também, uma contribuição que nos vem do oriente, é a *compaixão*, que é a virtude pessoal de bondade. Compaixão não é ter peninha do outro, compaixão é colocar-se no lugar do outro e permitir andar com ele.

Vivemos em uma humanidade sofridora, cada um carrega a sua cruz, o sofrimento, o peso da existência... É forte, pesado sobre os ombros de todos nós. O terrível do sofrimento não é o sofrimento, é a solidão do sofrimento pois quando ninguém estende uma mão, ninguém oferece um ombro, ninguém anda junto...

Assistimos a natureza danificada, a natureza devastada, regiões inteiras desmatadas, ecossistemas em decomposição, uma terra com chagas abertas. Sentir isso e resgatar e impedir esse processo de degeneração, contínua, é viver essa forma do cuidado, com compaixão com quem sofre, e poder andar um pouco com ele, participar da sua alegria, alegrar-se pela rejuvenescência da própria natureza.

E por fim, e não é sem importância, todos esses valores valem, mas sob uma condição: que a gente resgate a *razão cordial*, a *razão sensível*. Todos nós somos filhos da modernidade, elaboramos a razão técnico-científica, a razão intelectual com a qual dominamos o mundo... Nós dominamos devastando e recalamos e colocamos ao lado porque dizemos que prejudica a objetividade do conhecimento toda a dimensão do sentimento, da paixão, da sensibilidade, da cordialidade.

Essa dimensão surgiu há 200 milhões de anos com o cérebro límbico, momento em que o processo da evolução irrompeu os dinossauros, irrompeu os mamíferos, e o mamífero traz a cria dentro de si e, quando dá a luz apareceu algo na nossa galáxia que possivelmente nunca existia, apareceu o cuidado, apareceu o amor, apareceu o afeto, apareceu a proteção da cria do filhote. *Nós não somos animais racionais, nós somos mamíferos racionais.*

---

<sup>42</sup> Papa da Igreja Católica e Chefe de Estado do Vaticano, Jorge Mario Bergoglio, nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1936.

Só há sete, oito milhões de anos apareceu o cérebro neocortical, o cérebro da nossa comunicação, como essa aqui, verbal, de conceitos, como construímos a arquitetura do mundo, mas nós, fundamentalmente, somos seres de sentimentos, de paixão, de capacidade, de amor, de solidariedade... Por isso que a discussão filosófica na Europa, nos Estados Unidos, mas também aqui entre nós, procura resgatar a razão sensível.

Temos um filósofo brasileiro, André Mance<sup>43</sup>, temos na Espanha, Adela Cortina<sup>44</sup>, uma grande filósofa! Eu mesmo nos meus livros, até em debate com grupos norte-americanos, de como incorporar, dentro da razão técnico-científica... O que precisamos fazer funcionar o mundo... Incorporar a razão sensível, porque na razão sensível estão os valores, o mundo das excelências, é na paixão que estão nossos sonhos, as nossas utopias, a nossa capacidade de indignação e de compromisso para transformar a realidade.

Precisamos, em conjunto com essa razão, incorporar essa inteligência emocional, que é a inteligência ética, do sentimento, da capacidade, de voltar-se para o outro, de ser um bom samaritano, de não sermos frios, como pode ser fria uma estatística matemática. Se resgataremos essa dimensão, então será muito mais fácil para nós entendermos que a terra é efetivamente mãe, que podemos amá-la, que abraçando as coisas estamos abraçando aquela realidade, misteriosa, que tudo tem um valor e perpassa o que é Deus, Alá<sup>45</sup>, Shiva<sup>46</sup>, Tao<sup>47</sup>... Não importa os nomes daquela energia poderosa que os físicos quânticos chamam de vácuo quântico<sup>48</sup>, mas que de vácuo não tem nada, porque é a plenitude de todas as virtualidades e, por isso, muitos os chamam de a fonte originária de todos os seres.

Essa energia sempre está atuando e nos mantêm vivos, empurra o processo da evolução para frente, e nós, seres humanos, podemos senti-la, com entusiasmo, com aquela força interior que nos leva tomar iniciativa, termos novas ideias, novos sonhos, podemos dialogar com ela, e nos damos conta que as coisas não estão jogadas aí de qualquer maneira, mas que elas formam uma totalidade de sentido orgânica e que há um elo que liga e religa as coisas todas e que sem ela não há outra coisa que o espírito do criador, e que nós, seres humanos, podemos dialogar, podemos internalizar, podemos nos espiritualizar em comunhão com essa realidade e o efeito disso é sermos mais solidários, mais cuidadosos, mais sensíveis com o destino dos outros, mais indignados contra as injustiças do mundo, mais amorosos para com a casa comum e a terra.

---

<sup>43</sup> Euclides André Mance, brasileiro nascido no ano de 1963, é um filósofo que discute os conceitos teóricos da economia solidária e da filosofia da libertação.

<sup>44</sup> Adela Cortina Orts é uma filósofa nascida em Valência, Espanha, no ano de 1947.

<sup>45</sup> Deus para o islamismo.

<sup>46</sup> Deus no hinduísmo.

<sup>47</sup> Deus na religião popular chinesa.

<sup>48</sup> Espaço no qual há um nível baixo de energia do universo que interagem entre si podendo criar partículas.

É fundamental resgatarmos a razão sensível, a razão simbólica, a razão cordial ligada ao coração. Se fizermos isso teremos mil razões para levar avante a nossa comunhão profunda com a terra, produzindo a partir daqueles recursos, melhor serviços e bens que a terra nos fornece, não tanto numa perspectiva de globalização, porque essa é devastadora, mas valorizando o biorregionalismo<sup>49</sup>.

A parte central do meu livro novo, “O Tao da Libertação”<sup>50</sup>, é dedicada a essa alternativa, ao invés de pensarmos a globalização como fenômeno único, como um único pensamento, uma única alternativa, única forma de produção, uma única forma de consumo, como se a terra fosse homogênea, não tivesse ecossistemas, não fosse complexa, não tivesse a diversidade das suas expressões... Daí a tendência mais importante da reflexão é acentuar o biorregionalismo, aproveitar as regiões que a própria terra traçou, geralmente pelos rios, pelas fontes hídricas, e criar um desenvolvimento sustentável aproveitando o capital social daquela população, suas tradições, sua maneira de realizar a cultura, de preparar a sua culinária, conhecendo todos aqueles elementos que conformam nosso habitat, sabendo extrair da natureza tudo aquilo que precisamos e dando tempo para que ela possa repor aquilo que nós do qual nos beneficiamos.

O desenvolvimento regional engloba os vários saberes, o saber científico com o saber do camponês, que está lá em baixo, o saber do povo. Essa troca de saberes faz com que todos se sintam participantes e criem, sim, espaços de sustentabilidade que são fruto desse cuidado, desse diálogo com essa região, com a sua cultura, suas tradições, suas festas, seus heróis, seus poetas, suas pessoas de referência, até seus santos e seus místicos, suas mulheres, tão importantes na reprodução da vida. Se nós fizermos isso nós vamos devolvendo, lentamente, a saúde da terra, e ela saudável nos tornará, também, saudáveis.

Para terminar, já que vai longe a nossa fala, nunca devemos perder a nossa capacidade de projetar sonhos e utopias, porque se nós nos entregarmos a fatalidade dos fatos, a pior coisa que nos pode acontecer é deixar que as coisas corram assim, como estão, aí sim vamos ao encontro do pior.

Ao se alimentar sonhos podemos dar outro rumo a nossa história, podemos criar uma nova forma de habitar o planeta e com muito confraternização de todos com todos, organizar relações de inclusão, de fraternidade, de convivência pacífica... Se nós sonharmos com essa realidade e não deixar que fique sonho, mas com nossas práticas colocar passo a passo até realizar estágios avançados desse sonho, então nós salvaremos a terra, ela não será condenada pela nossa irresponsabilidade, nós seremos muito mais integrados nessa

---

<sup>49</sup> Biorregionalismo parte do princípio de compreensão das pessoas sobre o lugar em que vivem, ou seja, o meio ambiente no qual está inserido, respeitando os limites e capacidades da natureza e, valorizando a cultura local, as estruturas sociais (BOFF, 2015).

<sup>50</sup> Hathaway e Boff (2011).

biocivilização<sup>51</sup> onde a centralidade não é o desenvolvimento sustentável, mas é a vida na sua diversidade, a vida humana na sua dignidade, a vida do planeta terra, e a economia e a política a serviço desse sistema de vida.

A bioecologia<sup>52</sup> trabalha com essas categorias, a agroecologia trabalha essa alternativa e na medida em que ela se alarga para os lados e se aprofunda vai criando um tsunami do bem, vai criando uma onda poderosa que vai permitir que a humanidade de um salto, um salto de qualidade, que pode salvar a nós, nossos filhos e netos e todo o sistema vida e o sistema terra.

Um dia nós estávamos todos juntos lá no coração das grandes estrelas vermelhas, onde se formaram todos os elementos que compõe o universo, que compõe a nós e nosso corpos, ao ferro, ao nitrogênio, ao oxigênio, ao ouro, a prata, tudo, elas explodiram, criaram as galáxias, criaram o sol, criaram a terra, criaram cada um de nós... Se nós nascemos do coração das estrelas foi para podermos brilhar, podermos brilhar!

Esse é o sentido maior de nossa existência, não é simplesmente viver, é viver com decência, com qualidade, com brilho, nós somos chamados a viver como estrelas, porque lá está a nossa origem, esse é o projeto do criador e é, também, o sentido de toda a evolução.

Muito obrigado!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, L. **El biorregionalismo como alternativa ecológica**. 2015. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/12/05/el-biorregionalismo-como-alternativa-ecologica/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BOFF, L. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

EARTH CHARTER. **Values and principles to foster a sustainable future**. Disponível em: <<http://earthcharter.org/>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

GÊNESIS. Português. In: **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. p. 1-34. Edição Ecumênica. Bíblia.

HATHAWAY, M.; BOFF, L. **O Tao da Libertação**: explorando a ecologia da transformação. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 2011.

LANA, R. C. et al. Percepção da qualidade de vida de indivíduos com doença de Parkinson através do PDQ-39. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 5, p. 397-402, set./out. 2007.

LUZARDO, A. R.; GORINI, M. I. P. C.; SILVA, A. P. S. S. Características de idosos com doença de Alzheimer e seus cuidadores: uma série de casos em um serviço de neurogeriatria. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 587-94, out./dez. 2006.

<sup>51</sup> Novo paradigma civilizatório.

<sup>52</sup> Ciência que estuda todos os seres vivos.

SERRES, M. **A Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

WILSON, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Recebido em 27 de junho de 2016

Aceito para publicação em 30 de junho de 2016